

UNESP 
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

GEOVANA ZAGUE LEITE

YNARI, A MENINA DAS CINCO TRANÇAS: UMA ANÁLISE

PROPPIANA



ARARAQUARA – S.P.
2015

GEOVANA ZAGUE LEITE

**YNARI, A MENINA DAS CINCO TRANÇAS: UMA ANÁLISE
PROPPIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Márcia Valéria Zamboni Gobbi

ARARAQUARA – S.P.
2015

Leite, Geovana Zague

Ynari, a menina das cinco tranças: uma análise
proppiana / Geovana Zague Leite - 2015
39 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
– Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus
Araraquara)

Orientador: Márcia Valéria Zamboni Gobbi

1. Literatura africana. 2. Morfologia do conto. 3.
Literatura infantil. 4. Ondjaki.

GEOVANA ZAGUE LEITE

YÑARI, A MENINA DAS CINCO TRANÇAS: UMA ANÁLISE PROPIANA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Márcia Valéria Zamboni Gobbi

Data da defesa/entrega: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Nome e título
Universidade.

Membro Titular: Nome e título
Universidade.

Membro Titular: Nome e título
Universidade.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico esse trabalho a todos os anos de aprendizado necessários para que eu pudesse chegar até aqui. Dedico também à Literatura, que sempre foi a força motriz de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos nunca são fáceis de serem feitos, afinal, são tantas as pessoas que passam em nossas vidas deixando marcas e nos ajudando a crescer que o espaço acaba não sendo suficiente para dizer obrigada a todas elas. Mas tem algumas que merecem ser citadas, pois estiveram o tempo inteiro presentes, me ajudando e apoiando, para que eu pudesse chegar até esse importante momento de minha vida: o fim da Graduação.

Primeiramente devo agradecer aos meus pais, Jonas e Lilian, que sempre se esforçaram ao máximo para que nada faltasse ao meu irmão e a mim. Muito obrigada por sempre terem me apoiado e me guiado pelo caminho certo, por terem me dado essa educação tão rica da qual me valho, tanto a acadêmica quanto a que levo para a vida. Tudo que sou hoje é graças a vocês e todos os obrigados do mundo nunca serão suficientes para expressar como me sinto.

Depois, sinto que devo agradecer ao meu irmão, Luiz Eduardo, só por ter nascido, pois não consigo imaginar minha vida sem esse companheiro nato e fiel, que mesmo sendo cinco anos mais novo, muitas vezes agiu (e continuará agindo) como o mais velho, me aconselhando e cuidando de mim.

Agradeço, também, aos amigos de longa data, Felipe e Vitória, que estão sempre a postos para me ouvir, seja qual for o assunto, bom ou ruim. Também agradeço a Patrícia, Daniele e Bianca, amigas sempre dispostas a ajudar.

Além dos já citados, tenho mais três amigas que quero agradecer do fundo do coração: Karina, Mariane e Beatriz, minhas “irmãs de graduação”. Foram elas que estiveram comigo nesses quatro anos, sofrendo lado a lado com as provas, trabalhos, seminários e festas. Vocês fizeram esses anos inesquecíveis e sempre estarão em meu coração, fazendo falta todos os dias.

Por fim, queria dizer obrigada a todos os meus professores, desde os da creche e até os que estiveram presentes em minha graduação; obrigada por passarem seus conhecimentos e me tornarem uma pessoa melhor.

E em especial, quero agradecer a minha orientadora Márcia, peça fundamental na jornada que foi a elaboração desse trabalho, sem os conselhos dela, com certeza, ele não existiria. Obrigada, Márcia.

RESUMO

Esse trabalho consiste, principalmente, na análise de uma obra de literatura contemporânea infantil angolana através de uma metodologia tradicional para o estudo de contos maravilhosos, ou seja, a de Vladimir Propp. O trabalho tem como objetivo provar que essa metodologia, apesar de desenvolvida especificamente para análise de contos folclóricos europeus, possui aplicação de amplo espectro, podendo ser utilizada, inclusive, em obras contemporâneas e de origem não europeia, como por exemplo, a angolana *Ynari: a menina das cinco tranças*, que é o objeto desse estudo. Esse estudo mostra quais foram os resultados e dificuldades de tal aplicabilidade. Além disso, em seu conteúdo também se encontram afirmações relevantes sobre a História de Angola e sobre a biografia do autor da obra estudada, Ondjaki.

Palavras – chave: Ondjaki. Narrativa contemporânea angolana. Literatura infantil. Morfologia do conto.

ABSTRACT

This work consists, mainly, in the analysis of an Angolan children contemporary work of literature through a traditional methodology for the study of fairy tales, in other words, Vladimir Propp's. His goal is to prove this methodology, besides having been specifically developed to analyze European folktales, has an application of big range, including contemporary work and of non-european origin. He demonstrates which were the results and difficulties of such applicability. Besides, it was also found relevant affirmations about the history of Angola and about the biography of the author of the studied biography, Ondjaki.

Keywords: Ondjaki. Angolan contemporary narrative. Children's literature. Tale morphology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Discurso da Velha e do Velho	29
Quadro 2	Ordem de aparecimento das funções	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – Sobre Angola e Ondjaki	12
1.1 História de Angola	12
1.2 Ondjaki e sua obra	15
1.2.1 A literatura infantil de Ondjaki	17
CAPÍTULO 2 – Sobre a fortuna crítica	19
CAPÍTULO 3 – Uma análise proppiana de <i>Ynari, a menina das cinco tranças</i>	23
3.1 Vladimir Propp e sua morfologia do conto	23
3.2 Análise proppiana da obra	25
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

INTRODUÇÃO

Ynari - A menina das cinco tranças é um livro infantil do escritor angolano Ondjaki, publicado em 2010, pela editora Companhia das Letrinhas, e com ilustração de Joana Lira, foi escolhido para ser o foco deste trabalho, inicialmente, por atender ao meu gosto e interesse pessoal, tanto em relação à Literatura Africana, que é uma área relativamente nova no âmbito dos estudos acadêmicos, quanto pelo fato de trazer em seu conteúdo a temática do mundo mítico (aqui vinculada ao conto maravilhoso), já contemplada em minhas atividades anteriores de pesquisa. Além disso, sua linguagem, extremamente poética, foi um fator decisivo para a escolha, pois foi esse método de escrita adotado por Ondjaki e também por Mia Couto, por exemplo, que me encantou completamente; afinal, o modo como esses dois escritores se utilizam da linguagem é belíssimo e contém traços marcantes de seus países de origem – respectivamente, Angola e Moçambique. Ambos os países, como sabemos, tem como língua oficial o português, porém “tipicamente” africano, diferenciando-se tanto do europeu quanto do brasileiro, tornando-se único e encantador.

Em *Ynari* (2010), tem-se uma história que, apesar de escrita na década passada, remete os leitores aos tradicionais contos de fadas; por isso, analisar essa obra contemporânea de acordo com a mais tradicional teoria utilizada na análise dessa categoria, ou seja, a proppiana, tornou-se essencial, para que, desse modo, se possam reconhecer e interpretar aspectos vinculados aos personagens e à organização da narrativa que permitam um mais convincente e profundo entendimento de suas potencialidades significativas.

Por ser uma obra de Literatura Africana, espera-se que haja tanto similaridades com os contos populares tradicionais estudados por Propp quanto disparidades, sendo o objetivo do trabalho descobrir essas nuances, testando a teoria escolhida e mostrando que, apesar de ser produzida em contextos diferentes, a tradição oral se manifesta de maneira recorrente na maioria dos povos, sendo algo que responde à natureza do ser humano.

Esse trabalho está estruturado em três capítulos principais. No primeiro é feito um panorama histórico sobre Angola, que, ao longo de quase 500 anos, foi colônia de Portugal, tendo sua independência somente em 1975 e entrando, logo em seguida, numa guerra civil que perdurou até 2002, sendo, desse modo, um país com uma história repleta de disputas e busca pela identidade, fato que se reflete na produção artística contemporânea, incluindo a Literatura,

proveniente dessa nação. Em seguida, apresenta-se o escritor Ondjaki, tratando brevemente de suas outras obras, seu estilo e também da produção de *Ynari* (2010).

Depois, será iniciado o segundo capítulo, no qual, é feito uma revisão da fortuna crítica existente em torno da obra analisada. No meio acadêmico, ainda há poucos trabalhos tratando especificamente de *Ynari* (2010), porém, é possível encontrar algumas análises que privilegiam aspectos variados da obra. Existem também trabalhos relacionados ao uso desse livro em sala de aula, com propostas de atividades a serem desenvolvidas com os alunos.

No capítulo seguinte é desenvolvida a análise da obra, de modo mais sistemático, a partir das proposições teóricas apresentadas por Vladimir Propp em sua obra *Morfologia do conto maravilhoso* (2006), que constitui o alicerce desse trabalho.

Por fim, o trabalho conclui-se levando em consideração as discussões realizadas em torno da investigação proposta, ou seja, sobre a aplicabilidade da teoria proppiana em uma obra produzida num contexto diferente daquele que originou a sistematização teórica do autor russo – qual seja, o folclore europeu/medieval.

CAPÍTULO 1

Sobre Angola e Ondjaki

1.1 História de Angola

Localizada na costa ocidental africana, a República de Angola, ou somente Angola, é um país com cerca de 18,4 milhões de habitantes, distribuídos em 1.246.700 km², que estão divididos entre 18 províncias, cada qual com uma capital própria, e a capital do país é a cidade de Luanda. Sua língua oficial é o português, porém, existem várias outras línguas nacionais, ou dialetos, sendo faladas conjuntamente. Os mais comuns são: Kikongo, Kimbundo, Tchokwe, Umbundo, Mbunda, Kwanyama. Sua moeda oficial é o Kwanza, sendo que 33,32 Kwanzas são equivalentes a 1 Real.

Angola, assim como a grande maioria dos países africanos, vive um regime capitalista e, atualmente, tem suas atividades econômicas voltadas para fontes de produção primárias, como o café, a cana-de-açúcar, o sisal, o milho, o coco e o amendoim, juntamente com a atividade pecuária, ligada à criação de bovinos, caprinos e suínos. Há ainda, nesse país, diversas jazidas de minérios como ouro, cobre, chumbo, diamante, petróleo e etc. sendo exploradas.

Hoje, Angola é uma República Democrática; desse modo, o poder está concentrado nas mãos de um Presidente, eleito pelo povo, que é auxiliado por ministros. Cada uma de suas províncias é liderada por um Governador escolhido pelo próprio Presidente.

Porém, essa é uma realidade recente para esse país, pois Angola, desde seu descobrimento, viveu sob intensa luta, primeiramente com a exploração portuguesa e o mercado escravocrata, e depois com as guerras que buscavam, inicialmente, a independência e, em seguida, sua estabilidade política.

Sob o comando de Diogo Cão, os portugueses desembarcaram no Zaire, no ano de 1484, iniciando então o processo de conquista, não somente desse país, mas também de toda a África. Em 1575, forma-se a primeira colônia portuguesa angolana, que tinha como governador Paulo Dias de Novais, que, juntamente com 100 famílias e 400 soldados, tinha como objetivo explorar os recursos naturais e promover o tráfico negreiro, um mercado próspero, que tinha em Angola seu principal fornecedor.

A partir de 1836, com a abolição do tráfico de escravos e com a posterior abertura dos portos para navios estrangeiros, em 1844, esse cenário começa a mudar. Em 1845, houve a Conferência de Berlim, que obrigou Portugal a definir seus territórios, iniciando uma nova administração colonial, focada na agricultura e exportação de matérias-primas. Em 1850, a situação já havia mudado de rumo, pois Luanda havia se tornado uma grande cidade, com um mercado exportador de produtos agrícolas, como café, algodão, cacau, entre outros. E graças a essa efervescência do mercado exportador começava, então, a nascer a burguesia angolana.

O período que se seguiu - até a segunda metade do século XX - foi de aparente tranquilidade e prosperidade para o país, que havia passado a ser considerado uma Província Ultramarina Portuguesa, denominação adotada pelo ditador português Oliveira Salazar para referir-se às então colônias portuguesas na África.

Porém, a partir de 1950, começam a surgir sentimentos nacionalistas, e inicia-se a formação de organizações políticas visando à independência da nação. Essas organizações estavam mostrando ao mundo sua situação através de campanhas diplomáticas que explicitavam a necessidade de serem libertos do domínio português. Portugal, infelizmente, não quis dar ouvidos às exigências de sua colônia, desencadeando então violentos conflitos armados. Esse momento ficou conhecido pelos africanos como Guerra de Libertação; já entre os portugueses ele é chamado de Guerra Colonial ou Guerra do Ultramar. Aqui é importante ressaltar que não somente Angola era colônia de Portugal e queria sua liberdade, mas havia também outros países nessa situação, como Moçambique, Cabo Verde e Guiné Bissau.

Nesse período, houve três movimentos de libertação angolanos que se destacaram mais, sendo que cada um possuía características distintas. São eles: o MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola), que tinha ideais marxistas e era conectado à antiga União Soviética (URSS); a FNLA (Frente Nacional para a Libertação de Angola), com ideais anticomunistas e aliança com os Estados Unidos (USA); a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), que inicialmente possuía ideais maoístas, mas depois tornou-se anticomunista, tendo apoio direto da África do Sul. Esses movimentos viviam em constante disputa, entrando em 1974 num confronto armado, após o governo português, recém-saído da Revolução dos Cravos, anunciar o processo de libertação de suas colônias africanas.

Depois de muita luta, a independência veio no ano de 1975 com o Tratado de Alvor, firmado entre Lisboa e os três movimentos. Esse tratado previa um governo de transição, mas

infelizmente ele fracassa, iniciando uma violentíssima luta armada entre os três movimentos, que a partir de então passam a se estabelecer como partidos políticos propriamente ditos. Essa luta se configura como uma guerra civil que tinha por objetivo o governo da recém-nascida Angola independente.

Esse período foi de intensa emigração, o que causou uma grande desestruturação econômica, que perdura até hoje, pois Angola é um dos países com o maior índice de pobreza do mundo, onde a fome predomina.

Ainda em 1975, o MPLA recebe auxílio do governo de Cuba, que envia soldados e com isso o partido consegue assumir o controle do país, e seu líder, Agostinho Neto, é proclamado o primeiro Presidente da República de Angola. É importante ressaltar que, nesse momento, Angola, devido ao partido que assume sua liderança, tem em vigência o regime socialista.

Mas, mesmo um partido tendo conseguido a liderança do país, a guerra civil não termina, pois, apesar de a FNLA ter sido desfeita no final dos anos 70, a UNITA, agora contando com apoio norte-americano, continua em guerrilha, tentando se estabelecer no poder.

Em novembro de 1988, um acordo entre Cuba, Angola e África do Sul regulamenta a retirada dos soldados cubanos desses países africanos. E com isso, ainda no mesmo mês, o MPLA e a UNITA finalmente entram em concordância e assinam um acordo de paz, estabelecendo um governo multipartidário, capitalista e democrático.

Em 1992, é realizada a primeira eleição presidencial no país, na qual José Eduardo dos Santos, membro do MPLA, é escolhido como presidente. Infelizmente, o líder da UNITA, Jonas Savimbi, não aceita a derrota e recomeça a guerra civil. Em 1994, um novo acordo de paz entre os dois partidos é feito: o Acordo de Lusaka – e, dessa vez, a ONU (Organização das Nações Unidas) passa a monitorar o país, buscando garantir que a paz permaneça.

Por fim, passados 41 anos de luta armada e 27 anos de Independência, é em 2002 que Angola finalmente tem a paz estabelecida através de novos acordos. Em 2008, novas eleições foram feitas, e até o momento, os dois presidentes que o país teve são membros do MPLA. Desde então, a nação está vivendo uma relativa paz no âmbito político, e tanto seus representantes quanto seu povo estão buscando uma identidade nacional, tipicamente angolana, e buscando também a reestruturação de seu país de modo geral, objetivando uma estabilidade perante as dificuldades que foram enfrentadas ao longo de seu passado, de sua história.

1.2 – Ondjaki e sua obra

Ndalu de Almeida: esse é o nome do escritor angolano mais conhecido como Ondjaki, pseudônimo adotado quando lançou seu primeiro livro. Segundo o próprio autor, numa entrevista concedida ao site *A tarde*, em 2014, esse é um nome do sul de Angola, que significa guerreiro. Ele escolheu esse nome pois quando nasceu sua mãe já tinha intenção de nomeá-lo assim, mas não o fez; porém, ele sempre se identificou com esse nome e ao lançar o primeiro livro não teve dúvidas de que era dessa maneira que gostaria de ser reconhecido.

Nascido em 1977, Ondjaki é filho da primeira geração nascida após a independência de Angola. Desde muito jovem, sempre se dedicou à leitura, começando com as histórias em quadrinhos sobre os gauleses Asterix e Obelix (1959), dos franceses Albert Uderzo e René Goscinny, passando por escritores clássicos de língua portuguesa, como Fernando Pessoa, Jorge de Sena, Clarice Lispector, Graciliano Ramos e etc. Esse último foi de grande importância para o escritor, pois foi a partir da leitura de suas obras que ele se apaixonou pela Literatura, porque até então Ondjaki - ainda garoto – achava que esses tipos de livros deveriam ser chatos, mas por serem muito bem escritos eram bonitos, o que despertou nele o interesse por essas histórias, contou o escritor em entrevista ao site *SaraivaConteúdo*, em 2009.

Descobriu-se como um homem das Ciências Humanas, formou-se em Sociologia em Portugal e fez seu doutorado na Itália, com foco em Estudos Africanos. Por estar sempre voltado à Arte, ao longo de sua vida, envolveu-se em vários projetos artísticos. Em 2006, foi codiretor, ao lado de Kiluanje Liberdade, do documentário *Oxalá cresçam pitangas – Histórias da Luanda*, que, como o próprio nome diz, reconta a história da capital angolana. Além disso, o escritor está envolvido com artes plásticas, tendo feito duas exposições próprias, uma em seu país natal e a outra no Brasil.

Porém, sua mais forte manifestação artística é através da Literatura, na qual transita pelos mais diversos gêneros literários: contos, histórias infantis, poesia, teatro e romance, tendo vários livros lançados, premiados e traduzidos para diversos idiomas, sendo assim um escritor já relativamente conhecido pelo grande público.

Numa entrevista dada durante sua participação na Festa Literária Internacional de Pernambuco, ou Fliporto, em 2014, publicada no site do *Jornal do Commercio*, o escritor justifica seu trânsito entre as artes e retorno à Literatura, dizendo: “Eu experimento outras artes

para voltar à escrita. Estar aberto. Ler, ver, sentir, acho que a escrita é tudo isso. Os diálogos, em qualquer formato, em qualquer arte, fazem-nos crescer”. (ONDJAKI, 2014).

Seu primeiro livro publicado foi *Actu Sanguíneu*, em 2000, que recebeu Menção Honrosa no Prêmio António Jacinto (Angola). Em seguida, sua produção não parou mais, assim como seu reconhecimento; afinal, Ondjaki, ao longo desses 13 anos de produção literária, já recebeu mais de quinze premiações, algumas bem renomadas, como o prêmio *Jabuti* (Brasil), em 2010, com a obra *Avó Dezanove e o segredo do soviético*, e o prêmio *José Saramago* (Portugal), em 2013, com o livro *Os transparentes*.

Em suas obras, Ondjaki usa uma linguagem extremamente poética, na qual mistura o português com palavras dos dialetos angolanos, remetendo à oralidade, como um contador de histórias, e mostrando como é o português tipicamente africano. Além disso, o escritor usa com maestria as figuras de linguagem, fazendo com que um objeto ou fato comum do dia a dia contenha uma reflexão profunda, dotada de simbolismo e beleza, o que enriquece enormemente sua produção literária e causa admiração em seus leitores.

Existem temas que são recorrentes em seus livros, como a infância e a velhice, que são expostos na forma de personagens, tendo a ver com a tradição africana de que os idosos são detentores do saber e que o papel dos mais jovens é ouvir e aprender com seus ensinamentos.

A guerra e a política também são elementos que estão sempre presentes, porém não de modo tão claro, pois como Ondjaki escreve sobre a realidade de Angola, esses temas servem de plano de fundo, afinal o país é marcado por essas situações. Ana Cláudia da Silva (2015, p. 125) define Ondjaki como um escritor que está filiado “a uma estirpe de escritores politicamente comprometidos, que têm plena consciência da importância de seu papel na reconstrução de sociedades que se estão refazendo em liberdade após anos de imperialismos e conflitos internos.”.

Em uma entrevista dada em 2009 exclusivamente ao site *Saraiva Conteúdo*, quando questionado sobre seu processo de criação, Ondjaki explicou um pouco sobre a relação desses elementos em sua obra. Abaixo, segue o excerto referente:

Você escreve romances, contos e poesia. Há diferenças no processo de criação?

São processos diferentes. A verdade é: o que comanda a minha a escrita são as histórias. Mesmo quando estou a escrever poemas, eu quero contar histórias. A diferença é que há histórias que se prestam mais ao poema e outras se prestam mais

ao conto. Quando a história tem outros detalhes e outro tempo, ela passa a ser um romance. Não é? Eu raras vezes penso na intenção de uma história, mesmo que seja um romance. Digo, não escrevo com intenção de transmitir mensagem política. A mensagem política tem que vir depois da mensagem literária; primeiro há uma história, uma literatura e depois poderá haver aspectos políticos. As pessoas falam do meu livro “Bom dia camaradas” (Agir, 2006), pensando: 'Ah é um livro sobre os anos 80, a questão ideológica...' Não. É um livro sobre a infância. Só que a nossa infância em Luanda tinha muito de político e histórico, então é preciso se referir a esses aspectos.[...] (ONDJAKI, 2009).

1.2.1 – A literatura Infantil de Ondjaki

Nos últimos anos, o escritor vem lançando livros voltados para crianças, contando com quatro livros publicados. São eles: *Ynari, a menina das cinco tranças* (Companhia das Letras, 2010), *O leão e o coelho saltitão* (Língua Geral, 2009), *O voo do golfinho* (Companhia das Letras, 2012) e *Ombela, a origem das chuvas* (Pallas Míni, 2014), tendo esse último recebido o Prémio Caxinde do Conto Infantil (Angola) no ano de sua publicação angolana, ou seja, 2011.

Sobre sua Literatura Infantil, o escritor, em entrevista ao site *A tarde*, em 2014, disse:

Em que terreno da literatura você se sente mais à vontade?

O que eu gosto é o conto curto. Quanto mais curto, melhor. É exatamente aí que eu me sinto em casa. Eu faço um enorme esforço para escrever para crianças porque acho que Angola precisa de uma literatura infantil. Escrevo romances quando me acontecem, por isso são poucos.

A literatura infantil é uma missão, então?

No princípio foi uma casualidade. Os dois primeiros livros escrevi tranquilamente porque senti esse chamamento. Depois, já comecei a sentir que tinha que produzir pensando nas crianças de Angola. Mas não é que seja infantil, é aberta de modo que as crianças possam ler. Não posso escrever um livro pra criança cheio de palavões e cenas eróticas. Por exemplo, “O Voo do Golfinho”, é um livro muito simples sobre um golfinho que não estava confortável com sua condição e queria ser pássaro. Mas um adulto vê outras coisas nessa ideia. Vê que uma pessoa não tem que ser heterossexual, não tem que ser só de um país, ter só uma personalidade, gostar só de um tipo de música. No livro, o golfinho se transforma em pássaro, mas no final diz: "Se um dia me apetecer, um golfinho volto a ser". (Ondjaki, 2014).

Já em outra entrevista, concedida ao site *Saraiva Conteúdo*, em 2009, ele diz:

[...]Há um trabalho prévio muito grande. Quando estou a escrever para crianças - caindo às vezes no erro de ser um pouco pedagógico demais - tenho um cuidado com a linguagem que não tenho com os outros livros. Nos meus outros livros a linguagem é uma questão aberta e de liberdade em absoluto.

De onde surgiu o interesse de escrever o livro infantil *O leão e o coelho saltitão* (Língua Geral, 2009)?

Na realidade, *O leão e o coelho saltitão* resulta diretamente de um convite da editora Língua Geral para adaptar um conto tradicional angolano a uma história para crianças. O conto que eu adaptei nem sequer é uma história para crianças, ele tem alguns contornos de violência. É complicado, porque o leão e o coelho fazem é matança geral

para poder comer, eles estão com fome. Eu tentei trazer essa história ao universo infantil, com outro tipo de palavras e outro tipo de intenção. O livro já foi lançado em Angola e Portugal, está para ser lançado no Brasil. Mas as crianças não prestam atenção a isso, eles gostam de outros tipos de elementos que chamam atenção. E isso que é curioso na criança. Não dá para prever, as crianças descobrem outros aspectos dentro da obra. Foi assim que o livro nasceu, fiz uma pesquisa e gostei da história. Tentei trazer essa história da oralidade para as crianças. (ONDJAKI, 2009).

Desse modo, pode-se perceber que, para Ondjaki, a Literatura Infantil é muito importante, sendo encarada por ele como uma missão, sendo nela que ele vê um modo de recontar as histórias de seu país e também de educar as crianças, passando ensinamentos e também beleza - pois apesar de serem histórias infantis, a escrita poética dele está sempre presente - e, com isso, aumentando as chances de se criar leitores críticos e amantes de literatura de qualidade desde a tenra infância.

Também é importante ressaltar que em seus livros infantis há todo um projeto gráfico envolvido. Todos são ilustrados com imagens de altíssima qualidade por profissionais da área, deixando as obras ainda mais belas. E por serem destinadas ao público infantil, essa junção de texto com imagem é benéfica, pois estimula as crianças mais novas a pegarem no livro e imaginarem que história aquelas figuras contam, estimulando, assim, o processo criativo.

CAPÍTULO 2

Sobre a fortuna crítica

Como já dito anteriormente, na Introdução desse trabalho, quando se trata do livro *Ynari, a menina das cinco tranças* (2010), não existem muitos trabalhos acadêmicos publicados. Os poucos que tratam dessa obra focam em buscar o sentido por trás da estória, interpretando-a de maneiras singulares, porém sem muito diferir em suas análises, como será possível confirmar pela breve apresentação de cada um desses textos que será feita a seguir. Além desses trabalhos, existem alguns que tratam do uso do livro em sala de aula com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois em 2003 é criada a lei 10.639, que institui o ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira”, visando acabar com a lacuna encontrada na educação brasileira referente a essa cultura. Posteriormente, em 2008, essa lei é complementada pela lei 11.645, que acrescenta os ensinamentos sobre Cultura Indígena ao programa obrigatório do ensino brasileiro.

Nesse tópico, serão descritos os mais significativos trabalhos que foram encontrados, tanto os de análise interpretativa quanto os de uso em sala de aula, em ordem cronológica de publicação.

Em 2010, Andrea Cristina Muraro publica pela *Nau Literária – Revista eletrônica de críticas e teorias de literaturas*, o artigo intitulado *Ynari, à luz dos mínimos*, em que discute uma possível interpretação da obra considerando a “[...] cosmogonia envolta pelo nome da protagonista, o número 5, a palavra ‘trança’ que perpassam o texto junto do tema da guerra e revela-nos a união de planos que se processam no esteio da acumulação: oralidade e memória.” (MURARO, 2010, p.1); ou seja, ao longo de seu artigo, ela discute e explica como esses temas estão articulados pela trama narrativa.

Em fevereiro de 2012, o Governo de Portugal, juntamente com o Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC), através do projeto: *Estratégias e materiais de ensino-aprendizagem para Português Língua Não Materna* (PLMN), publica um documento com diversas atividades em torno de *Ynari*, as quais os professores podem desenvolver com turmas de diferentes faixas etárias, uma espécie de “Guião para os professores”, como vem escrito no próprio documento. Nesse guia, as atividades são voltadas para o ensino de português, com

foco no desenvolvimento da oralidade, além de trazer a implementação da cultura africana através da estória e das diferenças linguísticas. Essas atividades são de autoria dos professores Adelina Gouveia, Lúcia Vidal Soares, Paulo Feytor Pinto, São José Corte-Real.

Também em 2012, a pesquisadora Rosa Maria dos Santos Teixeira Rato publica sua tese de doutorado, pela Universidade da Beira Interior – Artes e Letras (Portugal), intitulada *Competência Literária e Literária na Escola do Séc. XXI – Dos textos de potencial recepção leitora às práticas pedagógicas dos professores*. Em sua tese, a pesquisadora teve como objetivo “o desenvolvimento de competências literárias e literárias dos alunos na Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico [entre nove e onze anos], numa perspectiva de interculturalidade.” (RATO, 2012, p. 3). Para testar sua hipótese, Rosa utilizou duas turmas de alunos, uma como grupo controle e a outra como grupo experimental. Tendo isso estabelecido, a obra escolhida para se trabalhar o ensino de literatura infantil foi a *Ynari*, de Ondjaki. Na turma controle a obra foi lecionada de modo tradicional; já na turma experimental a obra foi lecionada com base nos escritos das autoras Yopp & Yopp (2011) e com o modelo do *Whole Language Approach*. Ao final de sua pesquisa, a autora conclui que os docentes não valorizam o ensino de literatura para essa faixa etária e desse modo não incentivam seus alunos a lerem, prejudicando a formação dos mesmos como leitores.

Em 2014, Rosa, junto com seus orientadores, Maria da Graça Sardinha e Fernando Azevedo, publica, através da *Exedra – Revista Científica*, o artigo “Formar Leitores. Uma experiência no 4ºano de escolaridade, baseada no programa de leitura fundamentado na literatura”, desenvolvido a partir de sua tese de doutorado.

No ano de 2013, é publicado nos *Anais do Colóquio de Estudos em Narrativas (CENA)*, promovido pelo Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, um artigo chamado “A resistência da poesia angolana na literatura infanto-juvenil de Ondjaki”, de autoria de Ana Cláudia da Silva. Nesse artigo, a autora discute a infância descrita por Ondjaki como “território de resistência, zona sagrada que guarda a essência de verdade do homem” (SILVA, 2013, p.1) a partir da história de *Ynari*. Em 2015, a pesquisadora relança seu artigo, com algumas alterações, deixando-o mais completo, numa coletânea intitulada *África contemporânea em cena: perspectivas interdisciplinares* (Editora Intermeios, 2015) alterando o título para “A resistência da poesia angolana na literatura infantil de Ondjaki”.

No mesmo ano, a pesquisadora Elaina Santana Dias Debus publica pela *Revista Educação e Realidade*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o artigo “A literatura angolana para infância”, no qual discute a “inserção das literaturas africanas de língua portuguesa para a infância, produzidas no mercado editorial brasileiro” (DEBUS, 2013). A autora utiliza em seu *corpus* seis histórias escritas por três escritores angolanos, sendo uma delas *Ynari*. O objetivo de seu trabalho é analisar as características dessas obras, vendo suas semelhanças e diferenças.

Também em 2013, Aline Van Der Schmidt publica, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), sua tese de mestrado intitulada *Entre leões, coelhos e tranças e guerras: dilemas contemporâneos na literatura infantil angolana de Ondjaki*. Assim, como o próprio título já diz, essa tese discute os dilemas que a literatura infantil enfrenta. Primeiramente ela problematiza questões que giram em torno da literatura infantil em geral, depois entrará especificamente na angolana, que traz em sua essência questões associadas à guerra e à cultura do país em si. Além disso, ela discutirá o pluralismo linguístico (SCHMIDT, 2013, p.8) e a poeticidade de Ondjaki. Para a sua pesquisa, a autora utilizou *Ynari, a menina das cinco tranças* (2010) e *O leão e o coelho saltitão* (2008), ambas de Ondjaki.

No ano seguinte, ou seja, 2014, foram encontrados três trabalhos que dialogam com *Ynari*. Numa coletânea chamada *La lengua portuguesa – Estudios sobre literatura y cultura de expresión portuguesa - Vol. 1*, lançada pela editora da Universidade de Salamanca (Espanha), está o artigo “O “beijo mágico” das palavras de autores africanos. O poder transfigurador da escrita de Mia Couto e Ondjaki”, escrito por Carla Alexandra Ferreira do Espírito Santo Guerreiro. Esse artigo discute a importância do emprego simbólico (GUERREIRO, 2014) de certas palavras, escolhidas por seus significados, e como os autores trabalham com isso nas obras *O beijo da palavrinha* (Língua Geral, 2006), de Mia Couto, e *Ynari, a menina das cinco tranças* (2010), de Ondjaki. Ele também discute o trabalho da ilustradora das versões portuguesas dessas obras, Danuta Wojciechowska, contextualizando com as histórias dos livros.

Escrito por Michelle Mittstedt Devices e Heloisa Helo Doca, o artigo “Palavras entrelaçadas nas obras *O beijo da palavrinha* de Mia Couto e *Ynari: a menina das cinco tranças* de Ondjaki”, foi publicado nos anais do II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e faz uma análise comparada das duas obras citadas no título, com destaque para a análise do uso da palavra, propriamente dita, na composição dessas histórias.

Michelle Mittesdt Devices escreveu mais um artigo sobre Ynari, denominado “Evidências de discurso de resistência na literatura infantil de Ondjaki: uma análise da obra *Ynari, a menina de cinco tranças*”, publicado na Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura (ReHuTec) da Faculdade de Tecnologia (Fatec) de Bauru. Nesse artigo, a autora tem como objetivo provar que a obra de Ondjaki contém um discurso de resistência, sendo, portanto, uma literatura engajada e reflexo da situação de seu país.

Além dos trabalhos descritos acima, todos de origem acadêmica, ao se pesquisar na internet sobre a obra é possível encontrar os mais variados usos do texto de Ondjaki em sala de aula, todos relatados em blogs pessoais de professores, que descrevem seus métodos de ensino. Alguns dos relatos contam com manufatura de bonequinhos de pano que imitam Ynari, com as tranças feitas de lã; já outros são relacionados com desenhos produzidos pelas crianças, e há ainda trabalhos relacionados ao uso da linguagem.

CAPÍTULO 3

Uma análise proppiana de *Ynari, a menina das cinco tranças*

3.1 – Vladimir Propp e sua morfologia do conto

O russo Vladimir Iacovlévitch Propp (1895-1970) foi um teórico e folclorista muito importante para o estudo da literatura, pois após analisar minuciosamente um *corpus* com centenas de contos folclóricos/de magia russos, ele pôde encontrar características recorrentes em todas as histórias, conseguindo, assim, categorizá-las de modo mais específico.

Com seu estudo concluído, Propp publica um livro, em 1928, para divulgar suas ideias, chamado *Morfologia do conto maravilhoso*, no qual “lança” um novo método de análise literária, mesmo que não tenha tido essa intenção; afinal, os objetivos de seus estudos nesse campo de pesquisa eram explicar por que a narrativa dos contos de magia era tão semelhante nas mais variadas culturas do mundo e agrupar as histórias a partir de suas características em comum.

Porém, logo que lançada, a obra não teve muito sucesso, sendo praticamente esquecida com o passar dos anos. Mas, com a publicação da tradução inglesa, em 1958, esse cenário mudou, pois, com ela, suas ideias puderam ser disseminadas mais facilmente. Seus escritos causaram grande alvoroço na comunidade literária, que passou a utilizá-los para analisar as mais diversas obras - saindo do campo restrito dos contos de magia -, sendo até hoje válida nesse âmbito, ou seja, quando há a intenção de se fazer uma análise estrutural da narrativa.

Mesmo tendo estudado centenas de contos folclóricos, em seu livro Propp utiliza como *corpus* somente cem, pois as características se tornam repetidas e não havia necessidade de deter-se em todos. Sua *Morfologia* (2006) consiste num método de análise focado não no tema das histórias, mas em sua construção e composição, ou seja, ele propôs um estudo da forma estrutural dos contos, decompondo-os, para que posteriormente possam ser comparados minimamente e encontradas suas matrizes comuns. Ele explica que o estudo dos contos deve ser feito através das funções dos personagens, ou seja, “[...] o que realmente importa é saber *o que* fazem os personagens.” (PROPP, 2006, p. 21, grifo do autor); ou ainda, “por função compreende-se o procedimento de um personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenrolar da ação.” (PROPP, 2006, p. 22). Tendo isso em mente, ele chegou a quatro constatações que regem os contos de magia:

- I- Os elementos constantes, permanentes, do conto maravilhoso são as funções dos personagens, independentemente da maneira pela qual eles as executam. Essas funções formam as partes constituintes básicas do conto.
- II- O número de funções dos contos de magia conhecidos é limitado.
- III- A sequência das funções é sempre idêntica.
- IV- Todos os contos de magia são monotípicos quanto à construção. (PROPP, 2006, pp. 22-24).

Ao todo existem trinta e uma funções estabelecidas pelo teórico:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| I – Afastamento; | XVII – Marca; |
| II – Proibição; | XVIII – Vitória; |
| III – Transgressão; | XIX – Reparação de danos ou carência; |
| IV – Interrogatório; | XX – Regresso; |
| V – Informação; | XXI – Perseguição; |
| VI – Ardil; | XXII – Salvamento; |
| VII – Cumplicidade; | Resgate; |
| VIII – Dano; | XXIII – Chegada incógnito; |
| VIII – Carência; | XXIV – Pretensões infundadas; |
| IX – Mediação; | XXV – Tarefa difícil; |
| X - Início da reação; | XXVI – Realização; |
| XI – Partida; | XXVII – Reconhecimento; |
| XII - Primeira função do doador; | XXVIII – |
| XIII - Reação do herói; | Desmascaramento; |
| XIV – Recepção do meio mágico; | XXIX – Transfiguração; |
| XV – Deslocamento no espaço entre dois reinos, viagem com um guia; | XXX – Castigo; Punição; |
| XVI – Combate; | XXXI – Casamento. |

Apesar de existirem trinta e uma funções, não é obrigatório que todas apareçam num mesmo conto, sendo comum que se repitam ao longo da estória. É importante ressaltar que em contos folclóricos a ordem de aparecimento das funções é fixa, ou seja, elas respeitam a ordem esquematizada por Propp, mas em outras obras ficcionais, como os contos de fadas artísticos, isso pode não ocorrer. O fato dessa ordem não se alterar mostra que a elaboração dos contos tradicionais se dá a partir de regras rígidas que não são quebradas e que conduzem a narrativa.

Propp também categorizou os personagens em sete papéis fixos, levando em consideração as funções que cada um realiza. São eles: o Herói, o Antagonista, o Doador, o Auxiliar, a Princesa, o Mandante e o Falso Herói.

Para facilitar a aplicação de sua metodologia, Propp propôs símbolos que, combinados, resumem o fato examinado, não sendo necessária, então, uma longa explicação discursiva quando o foco não for esse.

A obra de Propp foi uma inovação no ramo de estudos da narrativa, afinal sua genialidade e originalidade causaram uma revolução no modo de se fazer uma análise que leve mais em conta a estrutura da obra na busca de sua explicação do que somente uma análise de seu sentido, sendo por isso que seus escritos são muito populares e utilizados para os mais diferentes trabalhos até os dias atuais, valendo a pena o estudo de sua teoria e seu entendimento.

3.2 – Análise proppiana da obra

O livro *Ynari, a menina das cinco tranças* foi publicado em Angola no ano de 2002, mesmo ano em que é findo o longo período de luta pelo qual esse país passou, tendo então sua paz restaurada. Com isto em vista, juntamente com a dedicatória do autor - “Para todas as crianças angolanas e para todas as crianças de todo o mundo e para ti, Angola” (ONDJAKI, 2010, p. 5) -, não é descabido afirmar que o objetivo da personagem título de destruir a palavra guerra não foi escolhido a esmo. Em seu primeiro livro infantil, Ondjaki tenta mostrar para todos, de modo muito singelo, o momento pelo qual sua nação estava passando: a perda de sua humanidade após o longo período de luta armada, que é representada pelos sentidos perdidos pelas aldeias, e sua futura recuperação, que seria o próximo passo para o povo angolano.

A estória do livro gira em torno de Ynari, que num dia qualquer encontra um homem pequenino que a guiará através do mundo mágico das palavras e do conhecimento por trás delas, levando-a a exterminar a palavra guerra e instaurar a paz.

Numa primeira leitura, o maravilhamento com a poeticidade da escrita se instala no leitor, encantando-o instantaneamente e fazendo-o adorar a estória; porém, quando o encantamento com a linguagem passa e inicia-se o processo de entendimento do sentido do texto, de seu significado, o leitor pode sentir-se um pouco frustrado, pois, apesar de *Ynari* ser uma obra classificada como literatura infantil, seu conteúdo, aos olhos de um leitor adulto, não é tão simples quanto essa classificação leva a crer; sendo assim, torna-se necessária uma reflexão aprofundada para que haja uma absorção mais ampla dos sentidos que este livro traz.

É por isso que, visando esse aspecto do conteúdo de *Ynari*, foi escolhida a teoria proppiana para embasar nesse estudo, para que uma clareza maior possa ser trazida por meio da análise da estrutura dessa estória, levando a sua melhor compreensão. Além disso, deve-se levar em consideração que esse conto foi escrito nos moldes dos contos de fadas tradicionais, tornando-se perfeito para esse tipo de análise, pois assim pode-se testar a aplicabilidade dos escritos de Propp para estórias que não são originárias do folclore europeu e escritas contemporaneamente.

O livro começa com a frase mais tradicional dos contos de fadas, o “era uma vez”, que transporta imediatamente o leitor para um mundo onde o comprometimento com o que é tido como real fica suspenso, tornando o mágico e o maravilhoso algo comum, além de levá-lo para um tempo inespecífico, mas que sugere um passado longínquo. É nesse mundo que *Ynari* está ambientado.

A estória começa com o narrador descrevendo Ynari fisicamente, dando destaque para suas cinco lindas tranças e para seu nome. Nesse momento, não é dito ainda que as tranças da menina são de extrema importância para a narrativa, pois elas se enquadram na Função XIV de Propp: recepção do meio mágico, que será explicada mais adiante na análise.

A pesquisadora Ana Cláudia da Silva (2015, p. 126) faz uma observação importante sobre o nome de Ynari; diz que seu significado é “hiena” e que segundo Chevalier e Gheerbrant, um dos significados simbólicos da hiena, na África, está ligando ao conhecimento: “ela se caracteriza, antes de mais nada, pela voracidade, pelo cheiro, pelas faculdades de adivinhação que lhe são atribuídas, pela força de suas mandíbulas [...]. Por tudo isso constitui *uma alegoria do conhecimento, do saber, da ciência.*” (2009, p. 492; grifo dos autores). Com isso, fica claro que Ondjaki escolheu para a personagem um nome que já a caracteriza.

Em seguida, a narrativa indica que “do capim alto saiu um homem muito pequenino com um sorriso muito grande. E, embora ele não fosse do tamanho dos homens da aldeia de Ynari, ela não se assustou”. (ONDJAKI, 2010, p. 6). Esse homem de tamanho diminuto enquadra-se na Função XII: primeira função do doador, que se caracteriza pela introdução de um personagem que impulsionará o herói a tomar uma atitude. Propp categoriza dez maneiras como o doador pode impulsionar o herói; porém, para esta análise, somente duas são interessantes: a número 2 - “o doador saúda e interroga o herói” (PROPP, 2006, p. 39) -, pois o homem pequenino, ao longo da narrativa inteira, terá conversas com Ynari que a farão refletir sobre a vida, sobre as palavras e seus usos, guiando a menina, e a número 10 – “mostra-se ao herói um objeto e propõe-se-lhe uma troca” (PROPP, 2006, p. 41) -, porém, somente a primeira parte dessa caracterização pode ser aplicada, pois o tempo todo esse personagem guiará Ynari, mas sem nada lhe pedir em troca, pelo menos não de forma objetiva, pois, tendo em consideração que a estrutura do conto baseia-se no conceito de permuta, pode-se afirmar que, subjetivamente, ele já espera que os atos futuros da menina tragam um retorno positivo. Desse modo, há aqui o primeiro indício de que a teoria proppiana exige ajustes quando aplicada a essa obra. Nessa primeira conversa entre os dois personagens, o homem pequenino perguntará para a menina sobre quem fez suas tranças e ela lhe responderá que já nasceu com elas assim, dando o indício de que as tranças podem ser mágicas, retomando novamente a Função XIV.

Essa primeira conversa que Ynari e o homem pequenino têm é muito profunda e cheia de significados; eles discutem coisas simples, como o conceito do que é “pequeno”, fazendo uma analogia com o “coração”, pois esse, quando encarado como o órgão, possui de fato tamanho diminuto, mas quando pensado como o local onde os sentimentos são guardados, seu tamanho é infinito. As conversas que seguirão daí em diante sempre serão parecidas com essa: os dois discutirão conceitos e refletirão sobre seus significados, buscando o amadurecimento da menina. Eles falam também sobre a vida de cada um e Ynari conta que mora com a mãe, o pai e a avó numa aldeia próxima; já o homem pequenino conta que vem de uma aldeia distante, cujos moradores são todos como ele: pequenos. Por fim, eles se despedem, porque anoiteceu e a menina precisa voltar para casa, mas combinam de se encontrarem no dia seguinte, no mesmo lugar.

No dia seguinte, eles se encontram novamente e Ynari conta que sonhou que visitava a aldeia do homenzinho. Eles continuam conversando, mas o tema agora são as palavras. O trecho transcrito a seguir pode ser interpretado como uma síntese da mensagem passada pela estória:

de que as palavras podem fazer a diferença e mudar o mundo, além de deixar claro o caráter sábio da menina.

Estavam assim os dois conversando sobre as palavras, a importância que as palavras tinham na vida de cada um, como as usavam, quando as usavam, com quem as usavam e que significados tinham para o coração de cada um deles.

Ynari tentou explicar que havia palavras que para ela tinham mais do que um significado ou que lhe provocavam mais do que só alegria ou uma só tristeza. A menina disse que era difícil explicar às crianças da sua idade como gostava de palavras, e o que as palavras podiam fazer entre duas pessoas. (ONDJAKI, 2010, p. 13).

Em seguida, eles escutam disparos vindo do outro lado do rio e veem dois grupos de homens armados guerreando entre si. Ynari, que nunca tinha presenciado tal barbárie, fica com muito medo, mas o homem, que agora é mais ou menos pequeno (ONDJAKI, 2010, p. 16), tranquiliza-a. Os disparos terminam e os homens armados põem-se a dormir. Nisso, o homenzinho dirige-se até as armas, sussurra algumas palavras e elas se transformam em armas de barro. A menina espanta-se, pois percebe que além de pequeno o homem também é um ser mágico. Ele pega na mão da menina e a guia até sua aldeia.

Nesse momento da narrativa tem-se presentes duas funções. Quando Ynari vê os homens guerreando ela descobre, indiretamente, o que seria uma guerra, e mesmo sem saber o nome daquela situação, percebe que é algo ruim, pois lhe causou muito medo; então, pode-se afirmar que é nesse ponto da narrativa que está sendo apresentado o grande conflito da estória, ou seja, a situação que a menina buscará corrigir. Aqui temos a Função VIII: Dano, que, segundo Propp (2006, p. 31), “[...] é extremamente importante, porque é ela na realidade que dá movimento ao conto maravilhoso”. Ynari só tentará destruir a palavra “guerra” porque viu como os próprios olhos o quanto ela é ruim; se a menina não tivesse passado por essa experiência não teria o impulso de querer mudar a situação e a história não teria continuidade.

A outra função que está presente nesse momento é a de número XI: Partida, que se caracteriza pela saída do personagem de seu lar para cumprir sua missão; no caso de Ynari, o que se dá é a partida de sua aldeia para a do homem pequenino, onde encontrará o conhecimento necessário para que cumpra seu propósito, que é terminar com a guerra extinguindo a palavra guerra em si. Aqui tem-se o começo do processo de iniciação da menina, no qual ela ampliará seu conhecimento de mundo e sobre si mesma.

Na aldeia do homem pequenino, Ynari repara que tudo é bem pequeno, desde os moradores até as casas e os objetos. Ela pergunta sobre o soba (chefe) da aldeia e é informada

de que naquele lugar isso não existe; porém, é apresentada a dois moradores muito importantes: o velho muito velho que inventa palavras (ONDJAKI, 2010, p. 18) e a velha muito velha que destrói as palavras (ONDJAKI, 2010, p. 19). Sobre esses personagens, Ana Cláudia da Silva (SILVA, 2015, p.129) diz:

A ausência de uma liderança politicamente estruturada nos leva a pensar em uma organização social anárquica; contudo, duas pessoas são destacadas: “um velho muito velho” (ONDJAKI, 2010, p. 18) e “uma velha muito velhinha” (Idem, p.19). O respeito a estes “mais-velhos” é dado não apenas pela sua condição natural de idosos – que, pela sua sabedoria, têm valor inestimável nas culturas bantas -, mas também pelas suas funções: o velho inventa palavras; e a velha as destrói.

Por causa da chegada da menina, uma festa estava sendo preparada na aldeia. Nessa celebração acontece um ritual, do qual a menina participará, sendo introduzida ao mundo “mágico” das palavras, descobrindo o poder delas. Esse ritual consistirá na dinâmica de os moradores da aldeia levarem palavras para a velha destruir e solicitarem do velho que diga palavras novas que os pequeninos devem espalhar pelo mundo.

É chegada a vez de Ynari, que se apresenta ao centro e pergunta se ela vai receber sua magia. Como resposta, recebe um enigmático discurso do velho e da velha, sendo um paralelo ao outro, complementando-se. (SILVA, 2015, p. 129). Quem se pronuncia primeiro é a velha, mostrando novamente que nessa aldeia não há uma hierarquia, dessa vez entre os gêneros, insinuando que ambos possuem o mesmo valor. E o discurso assim segue:

Quadro 1 – Discurso da velha e do velho

A VELHA	O VELHO
“Cada pessoa sua magia; cada árvore sua raiz.”	“Cada rio suas águas, cada céu suas nuvens.”
“O peixe só sabe nadar na água.”	Peixe dentro da água, brinca, fora da água, sofre.”
“O humbi-humbi preso, nas gaiolas, morre.”	O humbi-humbi não conhece gaiola, só respeita a nuvem.”
“Coisa de metal que sai metal e fumo, destruímos.”	Coisa de metal que sai fumo, vira barro.”
“Coisa de metal que vira semente e mata, destruímos.”	Coisa de metal como semente, vira imbondeiro.”
“De noite, olhar e respeitar as estrelas.”	“De noite, as estrelas olhar e uma só escolher.”
“De dia, olhar e imitar os animais.”	“De dia, os animais caçar, seja, o alimento.”
“Primeiro somos crianças, depois somos caçadores; depois temos crianças, depois ficamos a olhar as crianças.”	“Primeiro somos crianças e coração bate. Depois somos caçados por nosso coração. Depois descobrimos criança no coração. Depois a criança nos ensina outros caminhos do coração.”
“O cágado, sempre lento, é quem chega primeiro.”	“O cágado também sabe perder.”
“Mais sabedoria tem a palanca negra que só olha os homens de longe.”	“A palanca negra gigante também sabe fugir.”
“Falei.”	“Falei.”

Fonte: ONDJAKI, 2010, pp. 22-23. Reelaboração nossa a partir daquele apresentado pela a Profª. Ana Cláudia da Silva (2015, p. 130) em sua análise de *Ynari*.

Pela análise desses discursos pode-se perceber que a velha fala de um modo mais pessimista e até mesmo um pouco sombrio, enquanto o do velho já é um discurso mais otimista, sendo, portanto, reflexo das características deles, pois a velha recebe as palavras que não são boas e as destrói, já o velho cria palavras boas e as distribui ao mundo por meio dos moradores de sua aldeia.

Em seguida, os dois continuam o ritual e explicam para Ynari que eles conhecem a magia dela, mas que é ela quem deve descobri-la sozinha. Então, eles lhe oferecem uma palavra - “permuta” - e dizem que a fórmula para que a menina ache sua magia está dentro do seu próprio coração. Ela se despede e volta para sua aldeia.

Esse momento da estória pode ser encaixado dentro de duas funções proppianas. A primeira seria, novamente, a número XII: Doador; porém, agora, quem está desempenhando esse papel é o velho muito velho e a velha muito velha, afinal, são eles que entregam, de fato, a Ynari o conhecimento necessário para que ela concretize seu objetivo.

A palavra “permuta”, juntamente com as cinco tranças da menina, atuarão como o objeto mágico, enquadrando-se, portanto, dentro da Função XIV: Recepção do meio mágico. Esses objetos mágicos nada mais são do que algo que auxilia o herói em sua jornada, possibilitando que ele conclua seu objetivo; eles podem ser qualquer coisa, desde que dotados de magia.

Já em sua aldeia, a menina dorme e sonha com o velho muito velho. Ele lhe explica o significado de permuta e “Ynari entendeu que numa permuta é bom que duas pessoas, ou dois povos, fiquem contentes com o resultado dessa troca.” (ONDJAKI, 2010, p. 27).

No dia seguinte, ela se encontra novamente com o homem pequenino e ambos conversam sobre a guerra; ele explica para a menina que, na opinião dele, essa palavra é totalmente inútil. Ynari conta para o amigo que entendeu qual é a magia dela e pede para ele acompanhá-la em sua missão. A partir de agora, os dois personagens viajarão por cinco aldeias em guerra, realizando rituais que trarão a paz para esses povos. Essa ida para as aldeias distantes está prevista na Função XV: Deslocamento no espaço entre dois reinos, viagem com um guia.

Cada uma das aldeias que a menina visita está em guerra com outra aldeia, pois perdeu um dos sentidos humanos: audição, fala, visão, olfato e paladar; desse modo, Ynari propõe para o soba de cada uma dessas aldeias que, em troca da devolução do sentido perdido, a aldeia deve extinguir a guerra e adotar a palavra paz, sendo, então, a proposta aceita por todas.

Para devolver os sentidos, a menina realizará um ritual, que será idêntico nas cinco aldeias, trocando apenas os desejos delas. Esse ritual pode ser encaixado na Função XVI: Combate; porém, Propp estipula que esse combate será em forma de luta, competição ou desafio, mas no caso de *Ynari* (2010), essa “luta” se dará pela realização de um rito que trará transformações, modificando a situação inicial.

Segundo Ana Cláudia da Silva (SILVA, 2015, p. 130), esse esquema de repetição paralelística dos rituais remonta à oralidade; em seguida, a pesquisadora esquematizou a estrutura dessas repetições da seguinte maneira:

- a) Ynari e o homem pequeno chegam à aldeia e são recebidos pelo soba;
- b) Ynari pergunta se aquela aldeia estava em guerra;
- c) O soba responde que sim;
- d) Ynari pergunta o motivo;
- e) O soba explica que estão em guerra porque querem uma faculdade que os outros têm (ouvir, falar, ver, cheirar, saborear);
- f) Ynari pergunta se deixariam de fazer guerra caso ela lhes ensinasse o tipo de conhecimento que desejam;
- g) O soba aceita a proposta;
- h) Ynari pede que o soba reúna a aldeia à noite, faça uma fogueira e lhe traga uma cabaça;
- i) A festa começa, todos são chamados a ver a menina com tranças que lhes ensinaria as palavras cujo significado desejavam conhecer (ouvir, falar, etc.);
- j) Ynari coloca a cabaça no fogo e pede que cada um traga uma concha de água do rio e a deposite na cabaça;
- k) Ynari pronuncia algumas palavras estranhas e depois a palavra “permuta”;
- l) Em seguida, corta uma de suas tranças, deita-a na cabaça e despede o povo;
- m) No dia seguinte, ao acordar, todos percebem o efeito da magia, que realizava em cada aldeia o desejo do povo, pelo qual antes guerreavam.
- n) Ynari e o homenzinho partem cedo para a aldeia seguinte, antes de ver o resultado da magia, mas confiando no seu resultado. (SILVA, 2015, p 132).

Sobre as tranças de Ynari, a pesquisadora (SILVA, 2015, p. 133) diz que, segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 895), simboliza a força vital; é uma prova dessa força. Além disso, segundo os referidos autores, “a trança significa também uma ligação provável entre este mundo e o Além dos defuntos, um enlace íntimo de relações, correntes de influência misturadas, a interdependência dos seres”. Então, assim como o personagem bíblico Sansão, ao cortar suas tranças, Ynari “perde” um pedaço de si mesma, passando “ao povo sua força, seu conhecimento

e a capacidade de relacionar-se com os seres do Além – representados, na narrativa, pelo homem pequenino e fantástico e seus compatriotas.” (SILVA, 2015, p. 133).

Desde o início da narrativa é dito que Ynari já nasceu com suas tranças, mostrando que esse é um traço distintivo da personagem, sua marca - que está prevista na função XVII: Marca, Estigma. Porém, nessa função, Propp diz que o herói ganhará a marca que o tornará distinto ao longo da narrativa e que isso, posteriormente, servirá para uma identificação futura. Já no caso de *Ynari* (2010) acontece o contrário: a marca nasce com ela e perdê-la simboliza a mudança e o amadurecimento que ocorre com a personagem, pois ela teve que doar um pedaço tão exclusivo da sua existência para poder realizar um bem maior, que seria trazer a paz para as tribos e extinguir a guerra.

Com o término dos rituais, a menina tem a sua vitória, que seria a Função XVIII definida por Propp. Essa função prevê que o herói saia vencedor perante o antagonista; na narrativa, esse antagonista não é um personagem, mas sim uma situação: a guerra.

Após ter cumprido sua missão, Ynari, a menina (agora) sem tranças, junto com o homem pequeno, caminha ao longo do rio e ambos se sentam no mesmo lugar em que se conheceram para que possam se despedir. Ela pede para que ele entregue a palavra “guerra” para a velha, que lhe explique o que eles viram e ouviram sobre isso e peça para ela destruir essa palavra ruim; assim, a guerra deixará de existir. Nesse momento, tem-se a Função XIX: Reparação de dano ou carência, que é paralela e complementar a Função XVII: Dano, pois é aqui que se tem resolvido o problema apresentado inicialmente.

Na despedida, os dois personagens têm mais um dos seus singelos diálogos e Ynari chega à uma tocante conclusão:

- Eu acho que o meu coração também inventa palavras... No dia em que te vi, logo logo o meu coração inventou para nós a palavra “**amizade**”.
- Eu sei, Ynari, eu também senti o mesmo.
- Sério?
- Sim – disse o homem pequeno. – Agora já sabes...
- Já sei o quê? – Perguntou Ynari, a menina sem tranças.
- Assim como há um velho muito velho que inventa as palavras, também nosso coração, quando precisa, sabe inventar palavras. (ONDJAKI, 2010, p. 43, grifo do autor).

Nesse tocante momento pode-se perceber que Ynari se dá conta de que também pode inventar as palavras; então, pode-se afirmar que se tem uma pequena explicação do que seria o

processo de criação poética, segundo Ondjaki; ou seja, a poesia está nas palavras e as palavras estão nos corações das pessoas, que, quando em necessidade, podem inventá-las e usá-las, seja de maneira benéfica e prática, como fez Ynari, buscando a arte, como fazem os poetas, ou ainda, para causar discórdia, como fazem os propagadores da guerra. Portanto, percebe-se que as palavras são uma arma extremamente potente para as pessoas, podendo levar à paz ou à guerra.

Terminada a despedida com a promessa de um dia se encontrarem novamente, cada um retorna para seu lar, mostrando, portanto, a presença da Função XX: Regresso, que se caracteriza pela volta do personagem principal para sua casa.

A estória é finalizada com a frase: “E, como dizem os mais velhos, foi assim que aconteceu.” (ONDJAKI, 2010, p. 44), que traz, novamente, a ideia de que essa narrativa se passa num mundo mítico e num tempo indeterminado, além de retomar a noção da oralidade – afinal, são os mais velhos que costumam contar histórias mágicas para as crianças, uma prática muito comum até nos dias atuais.

Ao longo da análise, é perceptível que a teoria proppiana pode ser aplicada nessa obra, porém com adaptações, pois Propp, em seus escritos, determina acontecimentos e categorias muito específicas de acontecimentos que não ocorrem em *Ynari* (2010). Entretanto, o essencial está lá: o cerne das ações previstas pode ser encontrado na estória, tornando então a análise por meio dessa metodologia possível. Além disso, Propp (PROPP, 2006, p. 23) diz que em contos folclóricos “a sequência das funções é sempre idêntica”, ou seja, a ordem delas sempre será mantida, sendo uma lei, mas que “os contos criados artificialmente não se submetem a elas” (idem), como é o caso de *Ynari*.

No quadro a seguir é possível ver a ordem de aparecimento das funções.

Quadro 2: Ordem de aparecimento das funções

1 – Função XIV: Recepção do meio mágico
2 - Função XII: Primeira função do doador
3 – Função XIV: Recepção do meio mágico
4 – Função VIII: Dano
5 – Função XI: Partida
6 – Função XII: Primeira função do doador
7 – Função XIV: Recepção do meio mágico
8 – Função XV: Deslocamento no espaço entre dois reinos, viagem com um guia
9 – Função XVI: Combate
10 – Função XVII: Marca
11 – Função XVIII: Vitória
12 – Função XIX: Reparação
13- Função XX: Regresso

Fonte: Elaboração nossa.

Pode-se perceber que, apesar de no início da estória não se ter uma ordem regular das funções, chega um momento da narrativa em que a ordem se instala e a sequência apresentada por Propp é seguida.

Ynari, a menina das cinco tranças (2010) é um livro infantil muito cativante, que vale a leitura e promove reflexão. Afinal, Ondjaki é um escritor muito perspicaz e encanta com a poeticidade de sua escrita; desse modo, analisar essa obra usando uma teoria tradicional foi uma experiência riquíssima.

CONCLUSÃO

Atualmente, as literaturas africanas de língua portuguesa vêm ganhando cada vez mais destaque, caindo tanto nas graças dos leitores comuns quanto nas dos pesquisadores acadêmicos. Normalmente, ela é uma literatura mais politizada, devido à situação pela qual esses países passaram, sendo, por isso, interessantíssima. Além disso, muitos dos autores utilizam-se de um português diferenciado do que estamos acostumados, trazendo em seus escritos palavras originárias dos dialetos africanos locais que são incorporados à língua portuguesa, e isso traz uma riqueza gigantesca para a obra, criando poeticidade e personalidade.

Ondjaki é um desses escritores. Sua literatura tem todos esses elementos, o que a torna brilhante e distinta. E a obra *Ynari, a menina das cinco tranças* (2010), não podia ser diferente. Feita nos moldes dos contos de fadas, de matriz europeia, esse conto traz uma menina que deseja extinguir a palavra guerra e para isso parte em uma aventura com um mentor mágico. Porém, mesmo sendo uma estória voltada ao público infantil, a mensagem por trás dela é destinada também aos adultos. Ao longo de sua jornada, Ynari aprende que as palavras têm um grande poder, afinal elas são mágicas, e que sabendo utilizá-las as pessoas podem viver num mundo melhor e mais pacífico.

Pelo fato da obra ter sido elaborada, em nossa hipótese, seguindo os moldes de contos de fadas, foi escolhida a teoria proppiana para analisá-la e explicá-la, esperamos que, de modo satisfatório e claro, o seu conteúdo. Porém, por ser um conto de fadas escrito na atualidade e em contexto distinto daquele que embasou as proposições do pesquisador russo, havia a possibilidade de a hipótese não se sustentar. Felizmente, ao longo do trabalho, foi perceptível que a teoria de Propp também é válida para esse tipo de narrativa, ainda que com algumas modificações e adaptações, como por exemplo, a ordem em que as funções se apresentam e as especificações proppianas que não aparecem na obra. Sendo assim, pode-se afirmar que os escritos de Propp são aplicáveis também a obras contemporâneas e de origem não europeia.

Esse livro de Ondjaki fala às crianças do mundo inteiro: ricamente ilustrado e com uma mensagem belíssima, ensina-as a buscarem a diplomacia, metaforizada pela permuta que sustenta a narrativa, por meio da linguagem, da fala e da escrita, mostrando que a violência não é o caminho ideal e que sempre se deve buscar o diálogo, antes de tudo – lição tão atual e sempre necessária, a todos nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, Mia. **O beijo da palavrinha**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.

DEBUS, Eliane Santana Dias. A literatura angolana para a infância. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p.1-11, out. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/38160>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

DEVIDES, Michelle Mittelstedt. EVIDÊNCIAS DE DISCURSO DE RESISTÊNCIA NA LITERATURA INFANTIL DE ONDJAKI: UMA ANÁLISE DA OBRA YNARI, A MENINA DE CINCO TRANÇAS. **Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura**, Bauru, v. 04, n.01, p.289-303, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.fatecbauru.edu.br/ojs/index.php/rehute/article/view/143>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

DEVIDES, Michele Mittelstedt; DOCA, Heloisa Helou. Palavras entrelaçadas nas obras o Beijo da palavrinha de Mia Couto e Ynari: a menina de cinco tranças de Ondjaki. In: II CONGRESSO NACIONAL AFRICANIDADES E BRASILIDADES, 2, 2014, Vitória. **Anais do II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades**. Vitória: Ufes, 2014. v. 11, p. 1 - 10. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/cnafricab/article/view/9494>>. Acesso em: 15 set. 2015.

GOUVEIA, Adelina et al. **Atividades a partir da obra Ynari, a menina das cinco tranças**. 2012. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/site-PLNM/index.html>>. Acesso em: 09 set. 2015.

GUERREIRO, Carla Alexandra Ferreira do Espírito Santo. O "beijo mágico" das palavras de autores africanos: O poder transfigurador da escrita de Mia Couto e Ondjaki. In: DIOS, Ángel Marcos de. **La lengua portuguesa: Estudios sobre literatura y cultura de expresión portuguesa**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2014. p. 635-644. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/11501>>. Acesso em: 15 set. 2015.

MURARO, Andrea Cristina. Ynari, à luz dos mínimos. **Nau Literária: Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, v. 06, n. 01, p.1-10, jan. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

ONDJAKI. **Actu sanguíneu**. Luanda: Inald, 2000.

_____. **Avódezanove e o Segredo do Soviético**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.

_____. **O leão e o coelho saltitão**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

_____. **Ombela, a origem das chuvas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

_____. **Os transparentes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **O voo do golfinho**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.

_____. **Ynari, a menina das cinco tranças**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

OXALÁ cresçam pitangas - Histórias da Luanda. Direção de Kiluanje Liberdade, Ondjaki. Luanda: Klig, 2007. P&B.

PROPP, Vladimir Iacovlévitch. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

RATO, Rosa Maria dos Santos Teixeira. **Competência literária e literária na escola do séc. XXI: Dos textos de potencial recepção leitora às práticas pedagógicas dos professores**. 2012. 354 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2012. Disponível em: <<https://ubithesis.ubi.pt/handle/10400.6/1837>>. Acesso em: 21 set. 2015.

SARDINHA, Maria da Graça; AZEVEDO, Fernando; RATO, Rosa Maria dos Santos Teixeira. Formar leitores: Uma experiência no 4º ano de escolaridade, baseada no programa de leitura fundamentado na literatura. **Educação e Formação**, Coimbra, v. 9, n. 1, p.128-146, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.exedrajournal.com/?p=364>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

SCHMIDT, Aline van Der. **Entre leões, coelhos, tranças e guerras: Dilemas contemporâneos na literatura infantil angolana de Ondjaki**. 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/15623>>. Acesso em: 21 set. 2015

SILVA, Ana Cláudia da. A resistência da poesia angolana na literatura infanto-juvenil de Ondjaki. In: COLÓQUIO DE ESTUDO EM NARRATIVA, 1., 2013, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Edufu, 2013. v. 1, p. 19 - 25. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdocena/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

SILVA, Ana Claudia da. A resistência da poesia angolana na literatura infantil de Ondjaki. In: PANTOJA, Selma; BERGAMO, Edvaldo A.; SILVA, Ana Claudia da. **África contemporânea em cena: Perspectivas Interdisciplinares**. São Paulo: Intermeios, 2015. p. 123-135.

Disponível em <<http://www.governo.gov.ao/Default.aspx>> Acesso em: 16/09/2015

Disponível em <http://www.girafamania.com.br/africano/materia_angola.html> Acesso em: 16/09/2015

Disponível em <<http://atarde.uol.com.br/cultura/literatura/noticias/1636138-sinto-falta-de-autores-negros-no-brasil-diz-ondjaki-premium>> Acesso em: 21/09/2015

Disponível em <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/10079> 21/09/15> Acesso em: 21/09/2015

Disponível em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2014/11/16/ondjaki-fala-sobre-a-sua-escrita-e-a-literatura-africana-156263.php> 21/09/15> Acesso em: 21/09/2015